

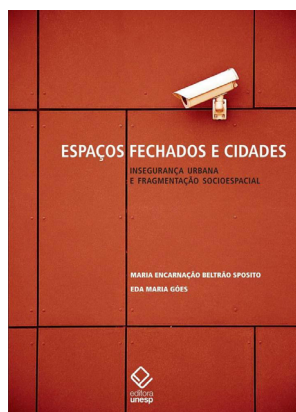
RESENHAS

Cláudio Luiz Zanotelli

ESPAÇOS FECHADOS E CIDADES. INSEGURANÇA URBANA E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL.

Maria Encarnação Beltrão Sposito e Eda Maria Góes.

Editora Unesp, 2013.

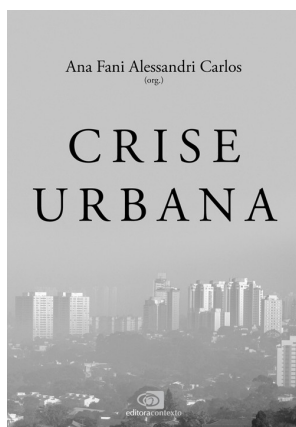


As autoras tratam no livro da implantação e da apropriação dos espaços residenciais fechados e de acesso controlado em três cidades do estado de São Paulo: Marília, Presidente Prudente e São Carlos, trabalham com a hipótese do aprofundamento nas cidades do processo de segregação em direção à uma fragmentação socioespacial, com especial atenção à centralidade adquirida pela insegurança urbana no conjunto de mudanças que orientam esse movimento. Realidade mundial, a proliferação dos espaços residenciais fechados baseados em discursos e práticas de in-segurança se inserem num mundo do ter em oposição ao ser. O trabalho desenvolve larga pesquisa de campo e uma metodologia detalhada para chegar às análises que se propõe. Obra de referencia e que pode dialogar com outras produções sobre o tema desenvolvidas em vários lugares do Brasil e do mundo.

CRISE URBANA.

Ana Fani Alessandri Carlos organiza

Editora Contexto, 2015.



O livro é uma coletânea de artigos com problemáticas diferentes relativas ao espaço urbano. Se inicia com um texto da organizadora do mesmo, Ana Fani, que trata de “Metageografia: ato de conhecer a partir da Geografia”, a autora começa com uma afirmação que indica suas escolhas : “(...) poderíamos construir a hipó-

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Agosto-Dezembro, 2015
ISSN 2175 -3709

tese segundo a qual não existiria um “espaço geográfico”, mas uma dimensão espacial da realidade, acarretando a necessidade de um modo de entender o mundo através da compreensão do espaço como produção social (e histórica).” (p.10). Se inscrevendo resolutamente no projeto coletivo de “desvendar a realidade urbana [que] vai se construindo, prolongando o pensamento de Karl Marx e de Henri Lefebvre, numa orientação teórico-metodológica desenvolvida no Departamento de Geografia da FFLCH-USP, denominada marxista-lefebvriana, como caminho da construção de uma geografia crítica e radical: a *metageografia*.” (p.11). Portanto, pelo filtro dessa corrente se pretende abordar a violência e o processo de urbanização, os espaços de desindustrialização, as periferias e a cultura etc. Bela aventura, mas que talvez seja um pouco limitada ao se fechar a outras correntes de pensamento e ao não deixar falar as pesquisas empíricas e construir as teorizações a partir de um processo de generalizações que não supõem um “empiricismo”, mas um entre-dois (entre teoria e empiria num processo de idas e vindas desvendadoras).

URBANIZAÇÃO, PRODUÇÃO E CONSUMO EM CIDADES MÉDIAS/INTERMEDIÁRIAS.

Carmen Bellet, Everaldo S. Melazzo, M. Encarnação B. Sposito e Josep M. Lopp

Universidade de Lleida e UNESP de Presidente Prudente, 2015.



Livro bilíngüe espanhol e português, que se insere nos trabalhos da rede de estudos de cidades médias (ReCiMe). O livro trás vários estudos de casos e comparativos sobre cidades médias/intermediárias no Brasil, na Espanha e na América Latina. Ótima referência para se abordar as pesquisas sobre cidades médias, pois a nossa “tradição” de estudos urbanos tem sido centrada nas grandes cidades e nas metrópoles. Quais interrogações diferenciais podemos tirar desses trabalhos e da rede que os levam adiante para repensar teoricamente as cidades no Brasil? Certamente muitas, portanto trabalho importante para nossa reflexão.

DESAFIOS DA METROPOLIZAÇÃO DO ESPAÇO.

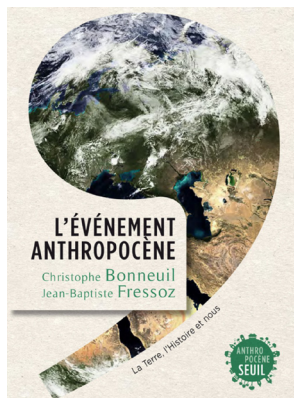
Alvaro Ferreira, João Rua e Regina Célia de Mattos
Consequência, 2015.



Como dizem os autores o objetivo do livro é mostrar a relação entre metropolização do espaço, a gestão territorial e as relações urbano-rurais numa perspectiva multiescalar. A metropolização como efeito sobre o território de organização das megaregiões com seus efeitos tentaculares sobredeterminando os investimentos em infraestruturas, equipamentos e em atividades econômicas. Trata-se da “explosão da metrópole” e a difusão dos “códigos metropolitanos” num espaço muito além das regiões metropolitanas oficialmente delimitadas. Seria a “metropolização” o equivalente da “urbanização total” da sociedade invocada por Henri Lefebvre? Se sim, qual é o papel das cidades pequenas e médias nesse processo? Ou ainda qual o papel do “rural”? Partindo-se desse pressuposto, para além da fertilidade do conceito e dos efeitos explicativos potentes que tem, não poderia se estar de certa maneira barrando a possibilidade de se pensar de outra maneira que não por meio de uma categoria-conceito obstáculo? São interrogações que trazem esse livro que, de toda maneira, representa um esforço de sistematização de pesquisas comparativas em diversas escalas e diversas temáticas urbanas capitaneadas pelo apelativo “metropolização”.

L'ÉVÉNEMENT ANTHROPOCÈNE.

Christophe Bonneuil e Jean-Baptiste Fressoz
Seuil, Paris, 2015.



Dizem os autores desse livro interessantíssimo: « O que exatamente se passou na Terra nos últimos 250 anos ? O Antropoceno, Antropo o que? O Antropoceno: nós já estamos nele, então é melhor domesticar essa palavra bárbara e aquilo ao que ela se refere. É nossa época. Nossa condição. Essa época geológica é nossa

GEOGRAFARES

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Agosto-Dezembro, 2015
ISSN 2175 -3709

história há mais de dois séculos. O Antropoceno é o signo de nossa potência, mas também de nossa impotência. É uma Terra onde a atmosfera está alterada por 1,4 trilhões de toneladas de CO₂ que nós despejamos queimando carvão e petróleo. É um tecido vivente empobrecido e artificializado, impregnado por um sem número de novas moléculas químicas de síntese que modificam até a nossa descendência. É um mundo mais quente e carregado de riscos e de catástrofes, com as geleiras reduzidas, os níveis dos mares mais altos e os climas desregulados. Proposto nos anos 2000 por cientistas especialistas do sistema Terra, o termo Antropoceno é uma tomada de consciência essencial para compreender o que acontece. Pois, o que está acontecendo não é uma crise do meio ambiente é uma revolução geológica de origem humana.” (p.9-10). Esse livro busca resumir e tomar partido no debate sobre o Antropoceno, “era” onde os traços de nossa “idade urbana”, consumerista, química e nuclear ficarão milhares ou mesmo milhões de anos nos arquivos geológicos do planeta e submeterão a sociedades humanas a dificuldades consideráveis. As modificações não somente deixarão camadas geológicas produzidas artificialmente, mas também provocarão reconfigurações da própria morfologia da Terra. Vale a pena conferir, está em francês, mas talvez o traduzamos em breve.